

PUBLICAÇÃO QUINZENAL
DE TURISMO, PROPAGAN-
DA, VIAGENS, NAVEGA-
ÇÃO, ARTE E LITERATURA

PROPRIEDADE DA EMPRESA DA
REVISTA DE TURISMO

LISBOA, 20 DE SETEMBRO DE 1917

ANO II—N.º 30

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

PAGAMENTO ADEANTADO

ANO 1\$00 || ESTRANGEIRO
SEMESTRE . . . 500 || ANO 2\$50

NUMERO AVULSO 5 CENTAVOS

DIRECTOR: AGOSTINHO LOURENÇO

REDACTOR PRINCIPAL: GUERRA MAIO

EDITOR: ANNIBAL REBELLO

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS: LARGO BORDALO PINHEIRO, 28 (Antigo L. d'Abegoaria) — TEL. 2337-C. — LISBOA

HOTEIS

Não ha turismo sem hoteis, é da sabedoria das coisas modernas. E no nosso paiz nota-se tanto a sua falta, que parece que poucos ainda comprehenderam o seu consideravel alcance.

Um bom hotel traz com as suas beneficas consequencias o engrandecimento d'uma terra, d'uma região e até, ás vezes, d'uma provincia.

Haja em vista o progresso que a algumas terras tem trazido os seus modernos hoteis. Senão veja-se: Vizeu era até ha pouco uma terra desconhecida, e aquelles que se aventuravam a ir até lá, tinham logo vontade de abalar; é a propaganda que faziam das comodidades a oferecer aos viajantes, era de fórma a afugentá-los em absoluto.

Mas hoje a cidade de Vizeu, mercê do seu magnifico *Hotel de Portugal*, é visitada anualmente por milhares de forasteiros, porque ninguem que pretende atravessar o Vale de Vouga, para gosar as surprehendedentes belezas da sua paisagem, deixa de se demorar uns dias em Vizeu.

Outrotanto aconteceu a Extremoz, com o seu *Palacio Hotel*; a Valença do Minho, com o seu *Valenciano*; e a tantas outras terras onde a ideia de modernisar hoteis entrou nos cuidados dos hoteleiros.

Mas aparte umas dezenas de hoteis, as nossas provincias não tem mais que umas primitivas hospedarias com o injustificado nome de *Hotel*.

Verdade seja que alguma coisa se vai fazendo, mas é muito pouco, e no Congresso hoteleiro, realizado ha mezes, todos os congressistas chegaram

a um accordo: E' necessario fazer hoteis. Mas quem os fará?—perguntaremos agora.

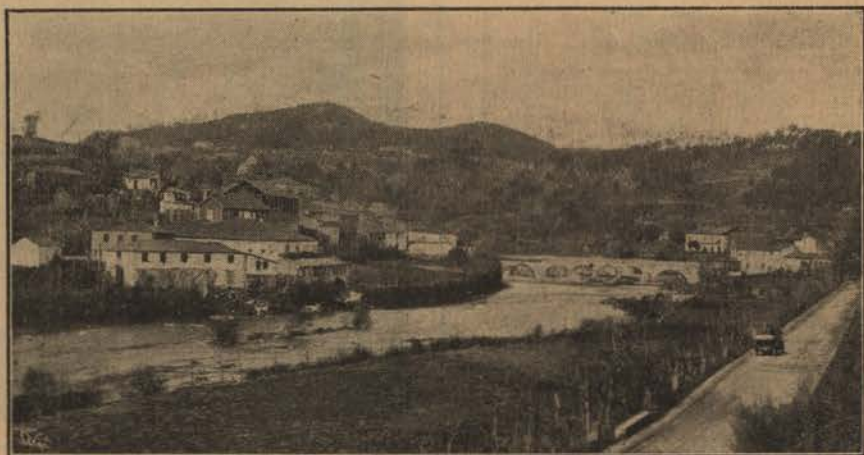
E' uma companhia? é um benemerito d'uma terra? é um negociante cheio de ambições? Serão todos. E pena é que todas estas entidades não conjuguem os seus esforços para levantarem um hotel que se não brilhar pela sumptuosidade, que prime ao menos pelo aceio e pelo conforto.

Estivemos ha mezes no Alemtejo, e notámos, com magua, que os hoteis da vasta e rica provincia nada adian-

E' porque em Evora não ha quem disponha de capital para construir e mobilar um hotel moderno? Não. E' porque não haja na famosa e antiga cidade quem ame as suas maravilhas de arte? Também não. Temos ouvido, a filhos da esquecida provincia, exaltar com carinho religioso tudo que de belo encerram os muros da Roma Portuguesa.

Porque não juntam — perguntamos nós — todos aqueles que adoram a arte e o progresso, as suas forças vitaes, para dotar Evora com um hotel, construído na architectura regional alemtejana?

O resultado pratico seria efectivo, e o rendimento seria remunerador. E se depois de construído o mobilassem, pelo menos em parte, com os tradicionais moveis eborenses; que delicia não seria para o forasteiro, depois de



S. PEDRO DO SUL

VISTA GERAL

(Vide artigo a pag. 45 «Vale de Vouga»)

taram das velhas hospedarias já abertas ha meio seculo.

Evora, a sua capital, reliquario de tanta joia de arte, onde o turismo tem um dos seus maiores atractivos, não tem um unico hotel, digno d'esse nome.

examinar com religiosa observação as preciosidades da capital do Alemtejo, desde o Templo de Diana, até á Igreja

de S. Braz, ir descansar sobre o canapé de palha do alemejo e depois repousar na famosa cama de madeira pintada de cores claras e berrantes?!
E, se uma vez instalado n'esse hotel tipicamente regional, estender e dilatar a vista de goso, até Arrayolos, até Reguengos de Monsaraz, até Évora Monte, e a tantos outros sítios dignos de visita, mas ainda agora vendados a toda a gente!?

Meditem n'estas palavras os que amam o Alemejo e verão que a razão nos sobra e a justiça nos não falta.

Meditem n'estas palavras os que amam o Alemejo e verão que a razão nos sobra e a justiça nos não falta.

D. José Pessanha

A nossa «Revista» é hoje honrada com a inserção d'um primoroso artigo sobre a Sé de Coimbra, devido á pena ilustre do Sr. Dom José Maria da Silva Pessanha. Ninguém melhor do que o distincto fidalgo—que é ao mesmo tempo um gentil-homem de sociedade *double* de auctorizado critico d'arte, podia dar um inegalavel relevo ás nossas columnas; e, por certo, a sua bela forma de escrever, aliada aos seus vastos conhecimentos, distinguir-se-ha na apreciação dos motivos artisticos da nossa terra, sobre que nos prometeu a sua muito valiosa colaboração, a que o seu interessante artigo de hoje dá começo.

E' mais um importante beneficio que a causa defendida pela nossa Revista com acendrado amor, tem de registar desvanecidamente.

Inspecção aos Hoteis da provincia

O Sr. Manuel Emygdio da Silva, digno presidente da Comissão de Hoteis da Sociedade Propaganda de Portugal, tem visitado varios hoteis das provincias do Norte, tendo estado já em Santo Thyrsó, Espozende, Barcelos, etc.

Por motivo dos acontecimentos anormaes que ultimamente se produziram, fomos forçados a distribuir, com bastante atrazo, o nosso anterior numero, referido a 5 do corrente mez o que muito nos contrariou.

O CONGRESSO DA SERRA DA ESTRELA

IMPORTANTE MOVIMENTO DE PROPAGANDA REGIONAL E TURISTICA

COMO tinha sido anunciado, realísou-se, em o ultimo domingo de agosto passado, n'um pitoresco local proximo do Sanatorio de Manteigas, o Congresso dos *amigos da Serra*, promovido com o incessante

directa influencia na expansão do turismo em Portugal, salienta-se por maneira indiscutivel, plenamente confirmada pela numerosa e selecta assistencia que a ele concorreu, pelos votos e promessas expostas enthusias-



SERRA DA ESTRELA
UMA CASCATA

concurso do nosso collega «Ecos da Beira», para a defeza e propaganda d'uma das mais lindas regiões portu-guezas: a SERRA DA ESTRELA.

A importancia d'esse Congresso, quer sob o ponto de vista do desenvolvimento regionalista, quer pela sua

madamente e pelas resoluções unanimemente tomadas. Devemos, porero, distinguir pelo seu valor, a declaração feita pelo sr. Dr. Vasco Borges, Governador Civil da Guarda, que n'essa magna assembleia representou o sr.

Presidente do Ministerio e que em nome d'este, e no do Governo, a proferiu. E' a seguinte, que textualmente transcrevemos do minucioso relato publicado nos «Ecos da Beira»:

«O Sr. Dr. Vasco Borges, Governador Civil da Guarda, como representante de sua Ex.^a o Presidente do Ministerio, declara, em nome deste, que está pronto a acompanhar o Congresso e as suas resoluções com toda a solicitude e franco e decidido apoio. E como é uma obra grandiosa, humanitaria e de vasto e variado alcance aquella que o Congresso se propõe realizar, entende que é necessario, primeiro, a elaboração de um plano geral e completo que depois se execute gradual e metodicamente. Sauda o Congresso e os congressistas, esperando que da obra resultará um extraordinario progresso para a região.

Ao governo da Republica não tem sido indifferente este assunto, tendo criado, no ministerio do Fomento, uma repartição de turismo; e não receia dizer que qualquer governo da Republica dará todo o apoio que puder á obra que se propõe realizar o Congresso.

Considera esta questão do desenvolvimento da Serra da Estrela uma questão nacional e, portanto, com um interesse superior ao de uma simples região. *E o Estado que deve protecção a todos os interesses regionais muito mais o deve a um assunto nacional, como é o do resurgimento da Serra da Estrela.*

Por isso, *promete, em nome do governo e tanto quanto é possível, todo o auxilio* que estiver ao alcance da sua esfera de acção, para ter efectivação pratica o objecto deste Congresso.»

Muito propositadamente a transcrevemos na integra e sublinhamos o compromisso formal tomado pelo representante do governo, não só para se avaliar do bom acolhimento dispensado á idéa que presidiu á realisação do congresso, mas, especialmente para que o incentivo dado pelo Governo e que, decerto, não deixará de ser effectivado, estimule ainda mais a pratica dos sentimentos tão patrioticamente manifestados para o progresso da região *Serrana*.

Com a realisação deste congresso, prova-se exuberantemente que a iniciativa particular a muito obriga, quando ella é oriunda da persistencia e tenacidade que caracterisam o benemerito Grupo de propaganda da Serra, que,

assim, conseguiu transformar-se no mais valoroso elemento para a defeza da sua região, estabelecendo n'esta magna assembléa as bases da Sociedade de Propaganda da Serra da Estrela.

Sob o aspecto turistico, os resultados do Congresso auguram-nos um prometedor futuro, visto que essa industria—será sem duvida—o mais importante factor do desenvolvimento em perspectiva.

A Serra da Estrela, pelas suas originaes belezas, pelos encantamentos que naturalmente oferece e pelas seduções que proporciona a todos os seus visitantes, tem um lugar de destaque no progredimento do turismo em Portugal, desde que sejam aproveitadas

todas as condições que a impõem á geral admiração e sejam creadas todas as facilidades que lhe deem um vantajoso acesso.

E', certamente, este um dos numeros que a nova Sociedade de Propaganda d'aquella região inscreverá no seu programa e para a sua execução encontrará—assim o esperamos—o mais franco apoio das entidades cujo concurso se lhe tornar necessario.

A «Revista de Turismo» endereçando as suas mais sinceras felicitações aos promotores do Congresso, faz votos por que os seus resultados praticos se afirmem em breve oportunidade, oferecendo o seu modesto concurso em tudo quanto importe á sua esfera de acção.

COISAS PORTUGUEZAS

A LIMPEZA DA CIDADE

A limpeza e o aceio d'uma cidade ou de qualquer vila são dos primeiros motivos que impressionam o visitante, preparando-lhe a disposição para apreciar o que natural e intuitivamente se lhe oferece.

Esses dois qualificativos poderosamente influem no animo d'um turista. Uma cidade ou uma qualquer vila pôde ser pobre de construções architectonicas e não possuir no indice das suas preciosidades nenhum monumento que atraia o visitante, ou não ter dentro dos seus muros qualquer obra que, pela sua originalidade ou magestosidade, se imponha á extasiada admiração de um estrangeiro; como pôde, simplesmente, recomendar-se pelas suas incomparaveis belezas naturaes, dificeis de achar paralelo em outro ponto do globo; Mas se a sua apparencia, se o primeiro aspecto que oferecer aos olhos do visitante fôr de pouco cuidado no aceio das suas casas e na limpeza dos seus ornamentos, toda a sua feição caracteristica, como todas as novidades que possa apresentar, perderão de brilho e de valor sob a dominadora impressão que o visitante receba ao entrar no burgo que as contenha.

D'uma forma geral, o aceio no nosso Paiz constitue um *sport* a que pouca gente se dedica, com enthusiasmo. Dir-se-ha, mesmo, que desconhecemos as formulas mais elementares de cuidarmos da nossa propria limpeza, taes como a agua e a vasoura, coisas que a muita gente merece o mais admiravel desprezo.

Todavia, como somos um povo

que desejamos sempre aparentar de superioridade em tudo (até na porcaria...), devemo-nos convencer que o primeiro aspecto d'uma boa apparencia é, precisamente, a forma aceiada porque nos apresentamos.

Ora, para que façamos valer todas as nossas belezas—naturaes e artificiaes—necessario é que tratemos um pouco mais de as defendermos contra... os microbios provenientes do desleixo na propria conservação, e não procuremos completar o cunho de originalidade—que já nos distingue—com mais um adjectivo, pouco lisongeiro.

Estamos certos de que este nosso reparo calará no animo de quem superintende nas administrações municipaes, e que originará uma *mudança de rumo*, nos serviços que respeitam á limpeza dos pavimentos e propriedades das nossas cidades e vilas; muitos especialmente em Lisboa, onde actualmente, a imundice atinge proporções desmarcadissimas.

Esperamos, pois, que a vereação cidadina, nos momentos em que o estudo das importantissimas questões que consomem quasi toda a sua actividade, lhe dê um pouco de descanço, se dedique, de preferencia, á questão da limpeza da cidade; e asseguremos-lhe que se de tal tratar com o zelo que lhe compete, terá uma compensação mais dignificadora do que tem conseguido até hoje com os resultados d'uma administração cujos beneficios apenas tem atreado os ares nos campanudos discursos de defeza... propria.

ARTE E LITERATURA

A SÉ VELHA DE COIMBRA

As relações entre a monarchia leonesa e a corte de Borgonha, a vinda de sacerdotes franceses, de monges de Cluny e de Cister, para a Península, o estabelecimento de colonias de francos, das quaes faziam parte alguns artistas, em diversos pontos, como, por exemplo, Guimarães, as cruzadas e cavalleiros de Ordens militares que, por vezes, vieram auxiliar os reis christãos nas luctas da reconquista, as peregrinações ao famoso santuario de Compostella—determinaram a entrada da architectura romanica, de origem francesa, na antiga Hispania.

A importação dessa architectura, caracterizada pelo emprego da abobada, veio interromper a evolução da architectura visigothica, tornando assim impossivel a plena constituição de um typo caracteristico, peninsular, que se esboçava já.

Entre nós, como é natural, os monumentos romanicos abundam na região de Entre-Douro-e-Minho, tão cedo reconquistada,— embora muitos delles sejam pequenas igrejas ruraes, de uma extrema singularidade de estrutura e ornamentação e, até, não abobadadas,— são menos numerosos na zona central do país, e desaparecem quasi completamente para o sul do Tejo. Os monumentos hispanhoes, — Sant'Iago de Compostella, Santo Isidoro de Leão, as Sés de Lugo e de Tuy, etc., — representam o traço-de-união entre os monumentos franceses e os nossos.

Actualmente, o mais completo, o mais uno, o mais puro, dos grandes monumentos romanicos portugueses, é, sem duvida, a Sé de Coimbra,— a *Sé Velha*, ha annos intelligentemente restaurada soba direcção de Antonio Augusto Gonçalves,— um artista e um erudito.

Della, como de todos, ou quasi todos, os velhos templos medievaes da nossa terra, affirmavam antigos auctores, e referia a tradição, ter sido edificada pelos moiros, para mesquita. Houve tambem quem a considerasse obra dos reis visigodos. Os caracteres artisticos do monumento levam-nos, porém, a collocá-lo sem hesitação no

estyllo romanico e a attribui-lo ao seculo XII. Ao claro depoimento das pedras junta-se, neste caso (o que nem sempre succede), o depoimento dos pergaminhos, porque um documento registado no precioso cartulario conhecido pela designação de *Livro Preto* mostra-nos que, no tempo do bispo D. Miguel, que governou a diocese desde 1162 até 1176, se trabalhava intensamente nas obras da Sé. A inscripção arabe gravada num si-



COIMBRA—SÉ VELHA

lhar collocado a grande altura da parede septentrional, inscripção que não foi ainda satisfatoriamente interpretada, bem pôde haver sido subrepticamente insculpida por algum artifice moiro, que na construção do templo trabalhasse. E' possivel tambem que esse silhar fosse aproveitado de outro edificio, do tempo do dominio arabe. Seja como for, essa discutida inscripção de nenhum modo pôde invalidar as conclusões a que nos leva, com absoluta segurança, o exame dos caracteres estruturales e decorativos do celebre monumento.

Coroada de ameias, a veneranda Sé conimbricense ergue-se a meio da escarpa em que, dominando o Mon-

dego, está edificada a velha cidade universitaria, que, pelo seu glorioso passado, tão fulgentemente esmaltado de lendas poeticas, de tradições e recordações historicas, pelas preciosissimas obras de arte que ainda hoje a enriquecem, pelo doce e penetrante encanto da melancolica paisagem que a cerca, é, sem duvida, um terra de eleição, um dos *logares santos* da nossa patria, para os poetas, para os artistas, para todos aquelles que possuem uma alma delicada, uma sensibilidade impressionavel e vibratil.

Transposto o *Arco de Almedina* (uma das portas da cerca moirisca) e vencido o aspero *Quebra-Costas*, eis-nos em face do vetusto e evocador monumento, onde Herculano faz passar a acção do seu bello episodio, *O Bispo Negro*.

Olhando o poente, porque uma disposição liturgica determinava que o sacerdote officiasse voltado para o oriente, a fachada, que dois contrafortes de secção quadrangular limitam, compõe-se de um corpo central e dois lateraes, reitrantes. Naquelle, abrem-se:— o grande portico, formado de uma serie de archivolvas concentricas, de raio decrescente a partir do exterior, ás quaes correspondem outros tantos columnellos, de capiteis e fustes lavrados, e, sobrepujando-o, uma ampla janella, que é como que a repetição do portal. Nos corpos lueres, vêem-se, inferiormente, pequenas frestas de volta perfeita, que, nos fins do seculo XVII, haviam sido convertidas em grandes janellas rectangulares e que a ultima restauração sensatamente restabeleceu, e, na parte superior, entre arcaturas, janellas geminadas. Remata o corpo central uma sineira, de recente data (1839). A torre dos sinos erguia-se, anteriormente, ao sul, isolada do templo e com accesso pelo claustro.

Observemos, agora, a face norte. Reforçam-na gigantes espaçados e não muito salientes e valoriza-a um bello portico,— a denominada *Porta Espiciosa*,— no estylo do Renascimento, sobreposto a uma porta e janella de estylo romanico, semelhantes ás da fachada principal. Attribuido ao notavel artista biscainho João de Castilho, esse elegantissimo portico, do começo do seculo XVI, acha-se hoje sensivelmente damnificado, em consequencia da natureza do material escolhido,— o brando e alvo calcareo de Ançã. Outro portico existe ainda nessa fa-

chada, mas, esse, muito singelo: — a *Porta de Santa Clara*, encimada por uma falsa janella romanica, ornada de sete columnellos.

Proseguindo no exame exterior da velha cathedral, prende a nossa attenção a abside, ou capella-mór, e o absidiolo que á direita se lhe encosta, elementos em cujas faces convexas se notam, além de janellas, quasi todas romanicas, esveltas columnas adossadas, em cujos capiteis se apoia uma cornija, estribada tambem em módi-lhões, que occupam os intervallos das columnas. Envolvida quasi completamente por uma vasta sacristia dos fins do seculo XVI, reduzida, ha pouco, ao estritamente necessario para o culto, a parte absidal da veneranda Sé póde, agora, ser, em grande parte, observada.

Sobre a abside, na parede da nave cruzeira, nota-se, a quebrar a monotonia do paramento, uma arcatura, de elegante proporção.

Acima da abobadã das naves, levanta-se um zimbório, revestido de azulejos, que, no seculo XVII, substituiu a primitiva lanterna, quadrangular, de tres pavimentos, com tres series de janellas em cada uma das faces e rematada por uma pyramide.

A' fachada meridional encosta-se o bello claustro, — de estylo gothico ou ogival, — que, na minha ultima visita ao glorioso monumento (maio de 1916), tive o grande prazer de admirar já quasi inteiramente liberto das mesquinhas construccões, de character utilitario, que sobre os seus elegantes lanços pesavam desfigurando-o ignominiosamente, e dos entaipamentos que obstruam alguns dos seus arcos, vendo-se tambem já desobstruidas a casa capitular e as capellas que abrem para os porticos oriental e sul.

D. JOSÉ PESSANHA.

(Continua)

A «REVISTA DE TURISMO»

Em Hespanha vende-se nas bibliotecas das seguintes estações:

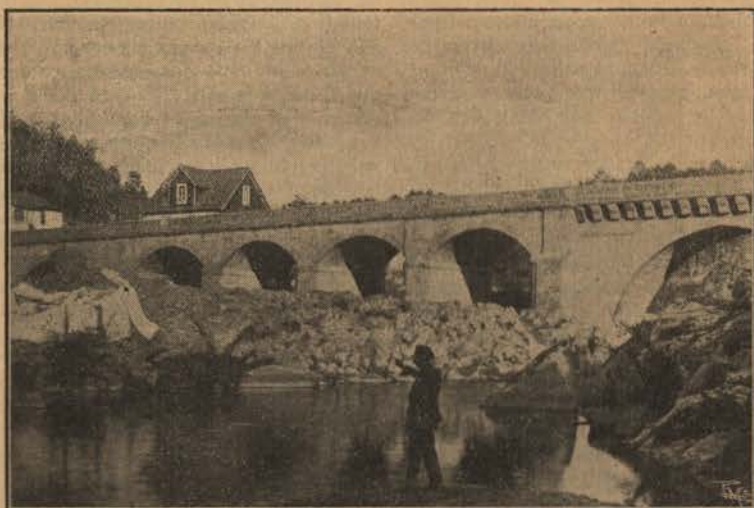
Madrid (Atocha), Madrid (Norte), Manzanares, Valdepenas, Ciudad Real, Zafra, Sevilla (Plaza de Armas), Sevilla (S. Bernardo), etc.

PAISAGENS PORTUGUEZAS

O VALE DO VOUGA

O Vale do Vouga tem sempre para mim o encanto do inédito. Quanto mais o vejo e o admiro mais o adoro. E já lá vão uns bons anos

atravéz do seu casario branco, deixavamos advinhar os barcos de proa em forma de pescoço de cysne, navegando pelo rio ao impulso forte dos pescade-



S. PEDRO DO SUL — THERMAS DO BANHO PONTE SOBRE O VOUGA

desde a primeira vez que me foi dado admirar-o e sentir-o.

Era abril e chovera. As arvores ainda com as ultimas lagrimas de chuva a des-

res, e guiados pelas ovarinas de olhos sonhadores e pestanudos.

Entrámos na Pateira e o comboio silvando com a alegria de ave solta, acordava, na doçura d'aquella manhã de abril, os lagos onde os nenuphars atapetando toda a sua extensão, formavam com as folhas espalmadas um

patamar tão perfeito, que apetecia a gente deitar por ali a correr.

Os salgueiros e os olmeiros dormindo á beira do Vouga, davam a impressão de encubrir na espessura da ramada farta, alguma nymphá surprehendida a banhar-se, pelo comboio importuno e matinal.

Uma ponte de boa pedra transpõe-



pedirem-se dos ramos, impressionavam com o ramalhar do vento brando batendo-as lentamente.

AVEIRO — RIA E CAMPO DO ROCIO

Tinhamos deixado Aveiro, e a Venezia Portuguesa



nos para a margem sul do Vouga, tão esbelto e tão elegante que dir-se-hia que a ponte Maria Pia foi feita para seu modelo.

E lá de cima na miragem veloz das águas verdes do Vouga, as pedras que a corrente impele parecem-nos esmeraldas que rolam para o mar onde a sereia da mystica lenda, as recolhe para se enfeitar.

O comboio galga gemendo fundo nas curvas apertadas da subida, para nos mostrar Paradelas, na encosta fronteira descendo para o rio Sever do Vouga, muito verde, salpicado de branco pelos cazaes, que mais parecem ninhos de pombas que habitações humanas.

Oliveira de Frades surge agora n'uma curva da linha, agrinalhada de franjas de parra como Deus Baco da velha mythologia.

E além na colina fronteira uma estrada descendo a pique, entre os pinheiros até ao rio, mostra-nos uma coisa inédita, da viação nacional. Do alto da colina a gente de Lafões, atira os toros de pinheiro que o Vouga recebe e transporta nas águas esmeraldinas até Aveiro onde os entrega, depois de tantas leguas percorridas, encharcados e promptos para carpinteria.

O poetico Vouga faz o humilde papel de carreção!

Vouzela alveja além, garrida e risinha como uma doce pastora em volta do seu rebanho, e ao fundo a Senhora do Castelo, do alto da sua montanha apetece-nos uma visita.

E para fechar, temos n'este vale soberbo de vegetação, idílico em phantasias, o Banho que a moderna nomenclatura chama Thermas de S. Pedro do Sul, e mais adiante a velha e fidalga villa de S. Pedro do Sul, berço de dinastias fidalgas e do grande poeta Correia d'Oliveira.

E agora que a medicina me trouxe até ao Banho n'uma temporada de cura, eu recordo, atravez da historia em que Affonso Henriques, aqui veio depois da tomada de Badajoz desemperrar uma perna maguada na lucta da heroica façanha.

Certamente o fundador da nossa nacionalidade, não tinha, n'estas serras, mais que a garganta de agua que ainda hoje ferve em 70 graus, e este Vouga que os poetas cantaram e as amorosas sonham para noivar.

Hoje a vegetação é tão forte que a terra desaparece sob uma continua camada de folhas que amorosamente se enlaçam; e o Minho com os seus ver-

geis floridos, com os seus rios onde as noras contam como a cigarra, com os seus prados de milho, que a videiras amorosamente abraçadas aos castanheiros esguios apertam, tem aqui o seu mais completo rival.

Todo este arvoredo, d'onde ás vezes alveja um casal, uma moradia fidalga, denegrida pelo rolar dos anos, oferece-me todas as manhãs um novo aspecto, uma nova impressão. E' que as videiras, cujos cachos pendentes já maduros, ninguém cubiça quando lhes são alheios, e os pinheiros hirtos e solitarios no topo dos outeiros, parece que todas a manhãs mudam de lugares para se darem os bons dias mutuamente, ou então de noite se reúnem para conversar e recordar a epopeia heroica dos seus antigos sonhadores, nas façanhas legendarias da nossa historia.

O Vouga tanto se contorce nas concavidade d'estas serras, que ás vezes parece esconder-se entre um outeiro,

onde forma um lago, como para escutar as doces canções das mulheres da Beira de uma languidez e uma duçura que parecem elas filhas das moiras que o povo ainda crê habitarem as fontes das eras romanas.

Demais é tudo uma perfeita paz, um recato que o mundo nos parece alheio, e á noite tudo adormece em santidade; só o Vouga murmura, e ás vezes entre os salgueiraes um rouxinol conversa no seu languido trinado com o rio, recordando n'uma balada lenta e melancholica S. Frei Gil, o Fausto portuguez, cuja mãe, a bondosa senhora de *peito de rola farta*, como afirmou Eça, ainda nos parece ver entre as mulheres de Lafões; e cujo amor da donzela que o obrigou a correr mundo em procura do mystico da aventura se reflecte perduravelmente nos olhos das mulheres da Beira.

GUERRA MAIO

A INDUSTRIA DE TURISMO

CAUSAS DA SUA ORIGEM

A industria do turismo tende a desenvolver-se, não só porque o impulso já está dado e nada satisfaz mais os homens do que imitarem-se, principalmente quando se ficam dando ares de pessoas de distincção pela iniciativa, já porque os meios de transporte, n'uma porfiada disputa agora momentaneamente interrompida, concorrem, pelas facilidades e comodidades que nos oferecem, para nos deslocarmos com prazer.

O turismo é o gosto pelas viagens. Explora-o é uma industria que, no sentido geral, aproveita a muitos, quer pela produção de riqueza, criando-se em muita parte verdadeiras fontes, proprias ou por derivação, quer porque as mesmas viagens venham a dar, qualquer que tenha sido o movel d'ellas, um contingente ao desenvolvimento d'uma economia social de efeitos positivos.

O fim que se tem em vista desde que se viaja, por mar ou por terra, é tão variado como os objectos dignos de prenderem o coração e o cérebro humanos.

D'um modo geral, são dois os fins que se encontram em todos os viajantes: ou buscam alguma cousa que os attrahae, ou afastam-se do que lhes aborrece, caminhando-se sempre por uma necessidade, que tanto pode ser material como moral, e tanto pode ser

de alcance puramente individual, como de vistas colectivas. Até mesmo no turismo puro procura-se a distracção quando não é a instrucção, e foge-se do tédio, quando não é de males mais graves.

O deslocamento em si não é prazer; phisicamente não se gosa com o movimento, embora seja um preceito hygienico, em multissimos casos; mas o efeito moral é cheio de encantos, quando os olhos descobrem a alegria inata de paysagens que alloram á beira dos caminhos, quando a alma paira sobre campos até ahí não vistos e jámais sonhados, e o coração se enthusiasma em sentimentos novos e impressões desconhecidas.

Todavia, as primeiras viagens não foram certamente emprehendidas pelo gosto de caminhar e recrear-se.

A procura de terras onde o homem encontrasse meios facéis de proverem ás suas necessidades e darem satisfação aos seus desejos, seria porventura o primeiro incentivo, manifestado largamente pela vida nomada de muitos povos, se não de todos, nos primordios da civilisação. Os emprehendimentos guerreiros tambem occuparam um dos primeiros logares na ordem chronologica. Os intuitos, commerciaes, num afan de expansão dos complicados meandros do negocio e da concurrencia, promoveram longas

viagens e entretiveram relações de povos do litoral com os do interior, e de habitantes d'uma costa com os d'outra costa.

E depois da agricultura, que foi a primeira industria que enriqueceu a humanidade, as que se foram desenvolvendo, nas diferentes esferas em que a actividade humana se estendeu, criaram profundos estímulos de commercio e . . . de viagens.

Com estas lançaram-se os alicerces da geographia, que se constituiu um corpo de doutrina, desde que alguém se deu á abençoada tarefa de reunir-lhe os elementos dispersos nas narrações escriptas ou tradicionais. Depois vieram as excursões propositadamente feitas para continuar o exposto nos compendios e preencher os espaços em branco dos mapas e portulanos.

Ainda a sciencia é a causadora de muitas viagens, algumas das quaes são das mais celebres que a historia conta no seu riquissimo cadastro, trazendo os melhores subsidios para uma reconstituição exacta dos estudos scientificos mais bem modelados.

Assim, a necessidade que importa na conservação dos individuos, a conveniencia, que traz a manutenção da especie humana, e a gloria que eleva os brios da alma popular, tudo se conjuga e tem de ser tracejado na historia das grandes e pequenas viagens, ora movidas e orientadas pela Razão, ora levadas á realização pelo acaso, ora conduzidas pela ambição, pelo despeito, pelo odio e demais paixões.

Tudo serve de incentivo!

Até o proprio gosto anda a pôr em movimento, a toda a hora, alguns milhares dos 1.500 milhões de homens que habitam a face da Terra!

Ahí está o turismo. Promovem no de todas as formas; criam-se turistas a poder de esforços reconhecidamente productivos, e d'uma technica habilmente dirigida.

Não se pode negar que ao lado das industrias que modernamente se conhecem, ha tambem uma cultura de turistas, cuja designação deixamos de inovar, por carencia de auctoridade para o fazer.

A. B.

A «REVISTA DE TURISMO» assigna-se e vende-se na sua administração, L. Bordalo Pinheiro, 28, e em todas as livrarias de Lisboa, Porto, Coimbra e Figueira da Foz.

Anunciam-se gratuitamente n'esta Revista todas as obras literarias que digam respeito ao engrandecimento do Paiz.

CONCURSOS HIPICOS

O resurgimento do desporto hipico marca uma verdadeira étape na vida desportiva do nosso Paiz. Atestam-no exuberantemente os numerosos concursos que este ano se tem realizado com o mais vehemente entusiasmo e cujos brilhantes resultados tem produzido incitamento á effectivação de outros.

Os grandes certamens que tiveram lugar em Lisboa, os que já se realizaram na Figueira da Foz e os que estão decorrendo no Estoril são prova de que a decadencia da nossa vida social, em qualquer das suas manifestações, é apenas a resultante da falta de iniciativa. Desde que alguém a demonstre com a tenacidade sufficiente para vencer todos os obstaculos que sempre aparecem, a effectivação da idéa torna-se n'um facto.

Por isso o hipismo resurgiu este ano com as pompas d'um grande acontecimento, constituindo assim um factor de importante relevo para a intensidade da nossa vida nas suas diversas funções.

Como elemento de propaganda para o turismo este desporto exerce um salutar beneficio quer pela atracção que desperta nos nacionaes, ou seja pela distração que proporciona aos estrangeiros sempre habituados a gozarem, em toda a parte, tudo quanto lhes possa causar divertimento e lhes dê ensejo para avaliarem o grau de civilização do paiz em que se acham de visita.

Pela nossa parte faremos por animar sempre a realização d'essas e d'outras festas, por contribuirem poderosamente para a vida turistica em Portugal.

Festas d'arte em Setubal

Por iniciativa d'uma comissão de rapazes de Setubal, alunos das escolas superiores de Lisboa, e com o concurso de varias individualidades de destaque nos meios artistico e social, realisar-se-ha n'aquella cidade uma serie de festas de arte, que por certo ali levarão bastantes forasteiros, que poderão, ao mesmo tempo, visitar a linda e pitoresca terra onde as recordações do imortal Bocage se casam com a brisa em que o Sado meigamente a envolve.

Do programa d'essas festas fazem parte diversas conferencias, concertos musicaes, exposições de pintura, e outros tendentes a integrar o meio social setubalense na vida superior do espirito.

Registamos com verdadeiro agrado esta noticia, pois ela demonstra o acordar do pezado somno que nos envolvia, n'um amolecimento de energias tão necessario ao nosso resurgimento.

BELEZAS DA NOSSA TERRA

IMPRESSÕES . . .

UM estrangeiro inscreve, um dia, o nome da nossa Terra no seu *carnet* de viagens. Quer conhece-la, e ele ali vem.

Aos primeiros passos cá dentro é radiografado até aos intestinos pelo arguto fisco. No decorrer da viagem até á Capital mais alguma impertinencia . . . é dos livros.

Chega sorridente, ansioso, pelos disfrutes da nossa Civilização e—desengano!— sobe a Avenida e surge-lhe de repente um *simoun* mais atterrador que no proprio Saharâ; se procura outro caminho, pôde muito bem apanhar um banho de qualquer «agua vae».

Nada d'isto lhe acontece; é feliz; mas, certamente, não se livra de escoregar em qualquer dos muitos legumes que vemos constantemente espalhados nas arterias, e então lá se vae a integridade dos ossos . . .

Já arrependido de cá ter vindo, quer fugir e vae á Estação Central do Rocio saber quando tem comboio, as horas, etc. Pois, Senhores, até ahí o persegue o azar! Encontra lá um *guichet* que, além d'outras coisas, diz bem claro: « *Renseignements gratis* » — « *Informaçoes* » — etc., mas a respeito d'empregado é um milagre encontra-lo alguma vez.

—Agora perguntamos nós: Porque não se remedia aquilo que é de facil cuidado?

Já que não temos habilidade para conservar *touristes* , ao menos que o empregado da Companhia dos Caminhos de Ferro não abandone o seu logar, demorando assim o meio de eles saberem a forma mais rapida de d'aquí fugirem.

Por absoluta falta de espaço fomos obrigados a retirar o artigo *Santo Tirso* , do sr. A. Santos Junior, o qual publicaremos no proximo numero.

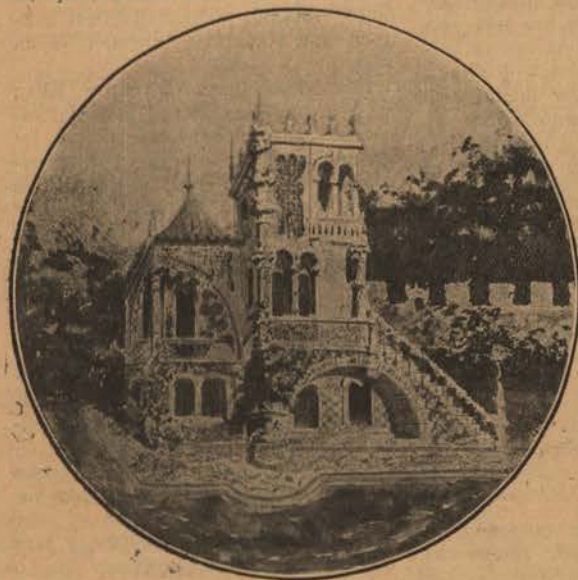
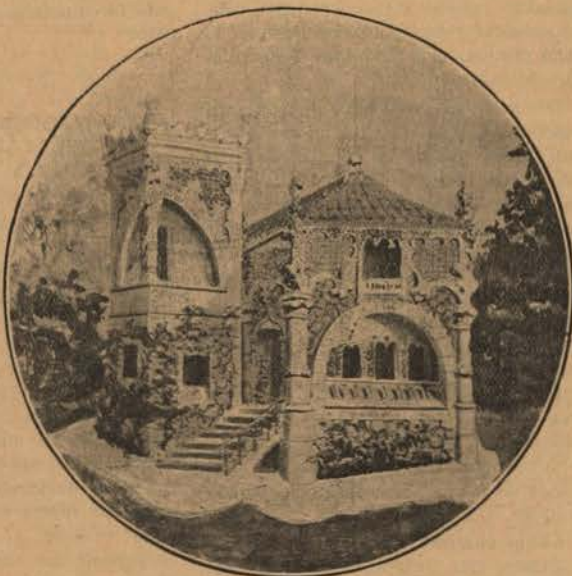
ARCHITECTURA PORTUGUEZA

Um dos assumptos que mais tem merecido a nossa atenção e por que esta Revista tem pugnado com um verdadeiro interesse, é a estylisação portugueza na architectura nacional. A renascença do nosso typico cunho, o verdadeiro a portuguezamento das construções, a continuidade da sua tradição, assim como a hereditariedade do culto por tudo quanto representa um symbolo nacional não podiam deixar de merecer á nossa Revista o mais entusiastico acolhimento.

Por isso reproduzimos hoje duas mimosas gravuras que representam lindos pavilhões em estylo manuelino, onde se reflectem o genio artistico e o sentimento patriotico do seu auctor, Sr. José da Fonseca, que recebeu a

epoca das maiores epopeias portuguezas.

Se bem que nos estudos apresentados haja, talvez, uma natural phantasia para o complemento da obra, o certo é que o cunho tradicionalista foi



sua educação na Escola Brotero, de Coimbra.

Os dois projectos que damos em estampa são o producto d'uma feliz idéa, não só porque o estylo manuelino é um dos que mais encantamentos encerra, já pela sua original concepção, quer seja pelo burilado do seu trabalho, mas, ainda, por testemunhar uma

religiosamente respeitado e a applicação da idéa mostra-se-nos com uma pensada obediencia a um dos symbolos genuinamente patrioticos.

Prestando d'esta forma a nossa homenagem ao brilhante artista Sr. José da Fonseca, fazemos votos para que aqueles a quem incumbe a tarefa de ensinar ou de justificar com o exemplo proprio a intensificação do amor patrio, sigam a senda que dignifica, pois é n'ela que encontramos a verdadeira individualisação da nossa nacionalidade, que constitue o mais admiravel e o mais respeitado dos sentimentos.

Encontra-se á disposição dos estimaveis assignantes lindas e artisticas capas para encadernar o 1.º volume (1.º ano) da «Revista de Turismo», que vendemos ao preço de 80 cent. (800 réis).

A temporada na Figueira da Foz

ESTA linda praia a que o Mondego e o Atlantico põem fulgurações de magia, marca este ano o record da vida intensa de prazeres e de divertimentos durante a época que está decorrendo.

Num dos proximos numeros começaremos a publicar chronicas sobre os resultados da temporada nos seus diversos aspectos.

MUSEUS

PATENTES EM LISBOA

MUSEU DE ARTE ANTIGA, ás Janelas Verdes, aberto das 11 ás 17, ás quintas-feiras, e nos outros dias das 12 ás 17, excepto aos sabados, que está fechado.

MUSEU ANTROPOLOGICO E GALERIA DE GEOLOGIA, Academia das Sciencias, todos os dias, precedendo licença, das 10 ás 16, excepto domingos e feriados.

MUSEU ARQUEOLOGICO, Largo do Carmo, todos os dias, 10 ás 16, \$10 cada pessoa: bilhete de familia (cavalheiro acompanhado até 6 senhoras), \$20; crianças gratis.

MUSEU DE ARTILHARIA, largo do mesmo nome; está patente ao publico ás terças, quartas e domingos, das 11 ás 16. Nos outros dias, á excepção das segundas-feiras, que está fechado, apenas é franqueado a estrangeiros ou pessoas munidas de autorização especial.

MUSEU D'ARTE, contemporanea Edificio da Bibliotheca Publica.

MUSEU DOS COCHES, Paço de Belem, Aberto das 12 ás 16, excepto ás sextas.

MUSEU COLONIAL E ETNOGRAFICO, Sociedade de Geografia, domingos, 10 ás 16.

MUSEU ETNOLOGICO PORTUGUEZ, Mosteiro dos Jeronimos, aberto ao publico todos os dias, inclusivé domingos só se exceptuando ás segundas-feiras e os dias de gala.

MUSEU DE HISTORIA NATURAL, Escola Politecnica, quintas-feiras, 10 ás 16; outros dias, licença especial.

MUSEU DE HIGIENE, rua da Cruz de Santa Apollonia, 25, quintas-feiras, 12 ás 16.

MUSEU NUMISMATICO, Bibliotheca Publica, todos os dias uteis, 12 ás 16.

MUSEU PEDAGOGICO, Poço Novo, 1, Escola Rodrigues Sampaio, todas as ferias, nos meses de agosto e setembro. Nos outros meses, com licença do director.

MUSEU DO TESOURO DA CAPELA DE S. JOÃO BAPTISTA, na Misericordia, ultimos domingos de cada mês, 12 ás 15-30; outros dias, licença especial.

MUSEU DE S. NICOLAU, aos domingos, das 13 ás 15, e em todos os outros dias, das 10 ás 14, mediante licença especial. Entradas gratuitas.

MUSEU TIFLOGICO E BIBLIOTECA BRAILLE, para uso dos cegos, T. do Fala 56, 16, dias uteis, das 11 ás 15, com autorização do fundador, Branco Rodrigues.

MUSEU BORDALO PINHEIRO, Parque do Campo Grande, (lado oriental) aberto aos domingos. Entrada \$to.

MUSEU DA SOCIEDADE PROTECTORA DOS ANIMAIS, rua de S. Paulo, 55, 2.º Aberto nos dias uteis, das 11 ás 15. Instrumentos de tortura barbaramente empregados contra os animais domesticos.